

# “SE NÓS NÃO TOMAR CUIDADO, ATÉ A PALAVRA TRABALHO PODE DEIXAR DE EXISTIR”<sup>23</sup>: UM ENSAIO SOBRE EMPREENDEDORISMO E A PERSONALIDADE AUTORITÁRIA NO CONTEXTO NEOLIBERAL

*André Bakker da Silveira*<sup>24</sup>

## **Resumo**

Na obra *Estudos sobre a Personalidade Autoritária* (1950), Theodor Adorno apresenta características que dão forma ao tipo de subjetividade antidemocrática presente nos Estados Unidos na década de quarenta. Na tentativa de aproximar aquela pesquisa do contexto contemporâneo, propõe-se atualizar os apontamentos de Adorno comparando-os a um dos tipos de personalidade neoliberal atual, a personalidade empreendedora. Uma das facetas do neoliberalismo é a construção de subjetividades voltadas ao sucesso individual, muitas vezes caracterizadas pela afirmação do empreendedorismo como meio para este fim. Este artigo apresenta alguns pontos de entrelaçamento entre o tipo autoritário adorniano e o sujeito neoliberal empreendedor, como apresentado por Pierre Dardot e Christian Laval em *A Nova Razão do Mundo* (2016).

**Palavras-chave:** empreendedorismo; neoliberalismo; personalidade autoritária; radicalismo de direita; Theodor Adorno.

23 Paulo Roberto da Silva Lima (2022), conhecido como Galo de Luta, líder dos entregadores antifascistas, em entrevista concedida ao programa Panelaço, em 31 de março 2022.

24 Doutorando e mestre em Filosofia na linha de Ética e Filosofia Política pela Universidade Federal do Paraná. E-mail: andrebkks@gmail.com

## “IF WE ARE NOT CAREFUL, EVEN THE WORD WORK MAY CEASE TO EXIST”: AN ESSAY ON ENTREPRENEURSHIP AND AUTHORITARIAN PERSONALITY IN THE NEOLIBERAL CONTEXT

### Abstract

In *The Authoritarian Personality* (1950), Theodor Adorno pointed out characteristics that shape the type of undemocratic subjectivity present in the United States in the 1940s. In an attempt to bring that research closer to the contemporary context, Adorno's notes are updated by comparing them to one of the current neoliberal personality types, the entrepreneurial personality. One of the facets of neoliberalism is the construction of subjectivities aimed at individual success, often characterized by the affirmation of entrepreneurship as a means to this end. This work presents some points of intertwining between the Adornian authoritarian type and the entrepreneur neoliberal subject, as presented by Pierre Dardot and Christian Laval in *The New Way of the World* (2016).

**Keywords:** entrepreneurship; neoliberalism; authoritarian personality; right-wing radicalism; Theodor Adorno.

Na década de quarenta do século XX, Theodor Adorno participou, junto a uma equipe de pesquisadores, de um extenso estudo sobre perfis antidemocráticos e potencialmente fascistas nos Estados Unidos. O objetivo foi compreender as características desses indivíduos e observar quais são as motivações psicológicas e sociais que os levam a aderir a ideias autoritárias. A pesquisa resultou na obra *Estudos sobre a personalidade autoritária*, de 1950.

A hipótese que guiou os pesquisadores foi “a de que as convicções políticas, econômicas e sociais de um indivíduo frequentemente formam um padrão amplo e coerente, como que se unidas por uma ‘mentalidade’ ou por um ‘espírito’” (ADORNO, 2019, p. 71). Esse padrão refletiria tendências de personalidade das pessoas entrevistadas, tendências que as tornam suscetíveis às ideias fascistas.

A preocupação maior foi com o indivíduo potencialmente fascista, aquele cuja estrutura é tal que é capaz de torná-lo particularmente suscetível à propaganda antidemocrática. Dizemos “potencialmente” porque nós não estudamos indivíduos que eram declaradamente fascistas ou que pertenciam a organizações fascistas conhecidas. No momento em que a maior parte dos nossos dados foi coletada, o fascismo havia acabado de ser derrotado em guerra, portanto, não esperávamos encontrar sujeitos que abertamente se identificassem com ele; ainda assim, não foi difícil encontrar sujeitos cujo perfil era tal que indicava que eles prontamente aceitariam o fascismo se este se tornasse um movimento social forte ou respeitável<sup>25</sup>.

25 ADORNO, 2019, p. 72

Neste breve texto, tenta-se fazer aproximações entre as características da personalidade autoritária e o que será chamado daqui em diante de perfil empreendedor. O intuito é, apenas, o de procurar relações entre uma das facetas mais proeminentes do neoliberalismo, o empreendedorismo de si, e aquilo que Adorno aponta em suas obras sobre o radicalismo e a personalidade autoritária<sup>26</sup>.

A motivação para este texto nasceu de uma provocação feita por Paulo Roberto da Silva Lima (Galo de Luta), líder dos entregadores antifascistas, em uma entrevista recente, em que disse: “se nós não tomar cuidado, até a palavra trabalho pode deixar de existir. Porque o trabalhador não quer mais ser visto como trabalhador [...] ele prefere vestir a capa do empreendedor” (LIMA, 2022)<sup>27</sup>. Lima se referia à forma como membros da sua classe (entregadores de aplicativo) internalizam – ou subjetivam – os discursos de seus empregadores, defendendo interesses que não seriam os seus e que os prejudicariam se efetivados, como a redução de direitos trabalhistas.

Acredita-se que o alerta do líder dos entregadores pode contribuir para uma leitura atual de Estudos sobre a personalidade autoritária, pois, já na introdução, Adorno apresenta um fenômeno que é bastante similar ao descrito pelo ativista:

[...] a tendência do pequeno homem de negócios a alinhar-se com o grande negócio na maioria dos temas econômicos e políticos não se deve inteiramente à crença de que essa é a forma de garantir sua independência econômica. Em casos como esses, o indivíduo parece não apenas não considerar seus interesses materiais, mas até ir contra eles. É como se ele estivesse pensando em termos de uma *identificação com um grupo maior*, como se seu ponto de vista fosse determinado mais pela sua necessidade de apoiar esse grupo e de suprimir grupos opostos do que pela consideração racional de seus próprios interesses<sup>28</sup>.

Evidentemente, trabalhadores como Galo de Luta – entregadores autônomos a serviço de várias empresas – não devem ser equiparados a pequenos homens de negócios, mas a questão posta pela “racionalidade neoliberal” (DARDOT; LAVAL, 2016) é que esses sujeitos são sim tidos e, muitas vezes, vem-se, dessa forma.

Assim, questiona-se sobre a possibilidade de se traçar um paralelo entre o perfil autoritário e o perfil empreendedor. Ao propor essa aproximação, não se pretende fazer uma crítica ao ato de empreender em si, tampouco gerar a culpabilização de indivíduos, dado que o empreendedorismo como forma de sobrevivência parece ser a regra no país. O que se pretende, efetivamente, é olhar para os efeitos do neoliberalismo enquanto racionalidade e modelo ético, político e econômico

26 *Estudos sobre a Personalidade Autoritária* (2019) e *Aspectos do Novo Radicalismo de Direita* (2020).

27 Em raciocínio que inicia a partir do minuto 23 da entrevista.

28 ADORNO, 2019, p. 84-85, grifos nossos

na formação de identidades e para os perigos à democracia que a disseminação deste perfil pode engendrar.

Por empreendedor, refere-se a um tipo de perfil que internaliza e/ou defende o empreendedorismo como modelo a ser seguido. Como explicam Carmo *et al.* (2021), citando Peter Drucker, o perfil empreendedor reflete uma tendência profissional que leva pessoas a assumirem os riscos de um novo negócio, em vez de manterem-se na segurança de grandes corporações. Para eles, o empreendedorismo é uma “ideologia neoliberal” (CARMO *et al.*, 2021), que age na disseminação de um estilo de vida ou de um posicionamento diante da vida, como uma espécie de filosofia ou tomada de partido. Afirmam:

[...] este modelo ganha forma em trabalhos autônomos, temporários e relações cada vez mais provisórias e flexíveis. Desse modo, consolida-se uma ideologia do empreendedorismo que extrapola as fronteiras das organizações e se entrelaça no tecido social. As técnicas de gestão não são mais restritas aos gestores, são de conhecimento geral, uma vez que todos devem gerir sua própria carreira. Isto reforça o culto à personalidade e ao sucesso, o qual, segundo Tragtemberg, é uma ilusão de liberdade que colabora para o aumento do individualismo, para a desmobilização política e para o distanciamento da vida democrática (Paes de Paula, 2002)<sup>29</sup>.

Em *A nova razão do mundo* (2016), Dardot e Laval vão além desse raciocínio. Para eles, “o neoliberalismo não é apenas uma ideologia, um tipo de política econômica. É um sistema normativo que ampliou sua influência ao mundo inteiro, estendendo a lógica do capital a todas as relações sociais e a todas as esferas da vida” (2016, p. 7). E, ainda:

[...] essa norma impõe a cada um de nós que vivamos num universo de competição generalizada, intima os assalariados e as populações a entrar em luta econômica uns contra os outros, ordena as relações sociais segundo o modelo do mercado, obriga a justificar desigualdades cada vez mais profundas, muda até o indivíduo, *que é instado a conceber a si mesmo e a comportar-se como uma empresa*. Há quase um terço de século, essa norma de vida rege as políticas públicas, comanda as relações econômicas mundiais, transforma a sociedade, *remodela a subjetividade*<sup>30</sup>.

Encontrou-se em Virginia Helena Ferreira da Costa (2020) e Samir Gandesha (2017, 2018) tentativas de atualização das ideias de Adorno para o contexto neoliberal. Gandesha deixa explícito seu intuito de verificar “[...] como é possível reconstruir o conceito de personalidade autoritária no contexto de uma ordem neoliberal pós-keynesiana?”<sup>31</sup>

29 CARMO et al, 2021, p. 27.

30 DARDOT; LAVAL, 2016, p.17, grifos nossos

31 Texto original: [...] how may it be possible to reconstruct the concept of the authoritarian personality in the context of a post-Keynesian, neoliberal order?

(2018, p. 5, tradução nossa), assim como Costa, que busca realizar “[...] a comparação entre o Capitalismo de Estado de 1940, quando a obra foi escrita, e o tipo autoritário mais recente, vinculado ao neoliberalismo, como uma forma de atualização do conceito” (2020, p. 3).

Gandesha propõe uma mudança de chave na leitura adorniana da formação da personalidade, deixando de lado a formação do ego freudiana usada por Adorno e se valendo da noção de *identificação com o agressor*<sup>32</sup> do psicanalista Sandor Ferenczi. De acordo com o autor:

[...] com base em sua experiência clínica com adultos que sofreram um encontro profundamente traumático com um adulto abusivo na primeira infância, Ferenczi raciocinou que a “identificação com o agressor” é uma resposta típica a condições de insegurança social e emocional generalizada (Ferenczi, 1949, 227). A compreensão especial de Ferenczi do conceito é particularmente atraente para nossos propósitos, na medida em que o capitalismo neoliberal implica, como característica central, a destruição direta de toda uma rede de seguridade social por meio do que Harvey descreve como privatização e mercantilização, financeirização, gerenciamento de crises e redistribuição ascendente de riqueza (ver Harvey, 2005).<sup>33</sup>

No caso do empreendedorismo, a ideia de identificação com o empreendedor, mesmo quando se é um trabalhador precarizado, parece encontrar espaço na leitura da *identificação com o agressor*. Ou seja, a identificação com um sistema que implica a redução de garantias e de possibilidades de vida digna equivale a justificar as ações perversas de um agressor. Algo equivalente a uma síndrome de Estocolmo (GANDESHA, 2018, p. 11).

Toma-se essa ideia para aproximar a personalidade autoritária com o sujeito empreendedor, que internaliza o neoliberalismo e passa a defender uma forma de trabalho arriscada e prejudicial à sua saúde (presente em discursos como ‘trabalhe enquanto eles dormem’); e em que há pretensão de liberdade e autonomia, mas que, em realidade, há dependência de uma ideologia de positividade, superação e competitividade. Ademais, esses sujeitos parecem estar submissos a figuras consideradas vitoriosas, como grandes empresários e bilionários.

Dardot e Laval apontam como uma das principais contribuições do neoliberalismo para a ordem capitalista: a “dimensão antropológica

32 Em outro texto, Gandesha (2017, s/p) complementa essa ideia, afirmando que, ao associar Adorno e Ferenczi, é possível fazer a transposição da teoria adorniana do contexto do capitalismo de bem-estar keynesiano (em que o filósofo estava inserido) para o capitalismo neoliberal, o que permite que se aborde a personalidade neoliberal.

33 GANDESHA, 2018, p. 10, tradução nossa. Texto original: Drawing on his clinical experience with adults who had suffered a deeply traumatic encounter with an abusive adult in early childhood, Ferenczi reasoned that “identification with the aggressor” is a typical response to conditions of pervasive social and emotional insecurity (Ferenczi, 1949, 227). Ferenczi’s special understanding of the concept is particularly attractive for our purposes, insofar as neoliberal capitalism entails, as a central feature, the direct destruction of an entire social security network through what Harvey describes as privatization and commodification, financialization, crisis management, and upward redistribution of wealth (see Harvey, 2005).

do homem-empresa” (2016, p. 135). O recurso a Dardot e Laval é valioso, porque grande parte das análises sobre o neoliberalismo se concentraram em seus aspectos político-econômicos, isto é: “como um simples instrumento nas mãos de uma classe capitalista desejosa de restaurar uma relação de força favorável *vis-à-vis* aos trabalhadores e, desse modo, aumentar sua parte na distribuição de renda” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 22). Dardot e Laval, porém, aumentaram o escopo de análise de forma a compreender o alcance amplo do neoliberalismo.

Em 2009, esses autores publicaram *A Nova Razão do Mundo*, livro que se tornou uma referência para os estudos sobre neoliberalismo. No prefácio da obra, definem, resumidamente, o neoliberalismo como “[...] o conjunto de discursos, práticas e dispositivos que determinam um novo modo de governo dos homens segundo o princípio universal da concorrência” (2016, p. 17).

Elaborando esta noção, os autores demonstram que o neoliberalismo é mais do que uma política econômica de retirada do Estado em prol do mercado e mais do que uma ideologia. O neoliberalismo é uma racionalidade que se estendeu ao mundo todo e que, para além da manutenção do acúmulo de capital, tem o propósito de transformar a sociedade (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 24). É essa forma de entender o neoliberalismo que parece mais adequada para a associação com os trabalhos de Adorno, justamente por conter o elemento de subjetivação da opressão.

Não obstante Adorno tenha procurado as características subjetivas do autoritarismo (ADORNO, 2022)<sup>34</sup>, ele reconhece a força dos elementos sociais objetivos como geradores do perfil preconceituoso.

[...] estamos convencidos de que a fonte última do preconceito deve ser buscada em fatores sociais incomparavelmente mais fortes que a “psique” de qualquer indivíduo envolvido. Essa premissa é corroborada pelos resultados do próprio estudo, na medida em que mostra que a conformidade a valores implicitamente promovidos pelo “espírito objetivo” da sociedade americana atual é uma das principais características de nossos sujeitos altos pontuadores<sup>35</sup>. (ADORNO, 2022, p. 352).

Somada ao contexto, estão características individuais que facilitam a introjeção de ideias preconceituosas. Nessa linha, Adorno afirma que

[...] há razões para acreditar que os indivíduos, a partir de suas necessidades de se conformar, pertencer e acreditar, e por meio de dispositivos como a imitação e o condicionamento, muitas vezes assumam de forma mais ou menos pronta opiniões, atitudes e valores que são característicos dos grupos aos quais eles se associam. (2019, p. 86).

34 Ideias presentes no texto de Adorno Observações sobre “a Personalidade autoritária” de Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford, traduzido por Virgínia Helena Ferreira da Costa (2022).

35 ADORNO, 2022, p. 352.

Com isso, é importante compreender que alguns indivíduos subjetivam o autoritarismo, tornando esta característica parte de suas personalidades. Se entendido como subjetivação do neoliberalismo, então o perfil empreendedor pode ser categorizado de maneira semelhante ao perfil autoritário e algumas características comuns podem ser pontuadas.

Primeiramente, nota-se que “o que o membro fascista procura é a ilusão de controle para compensar seu sentimento de impotência” (BENJAMIN, 1977 *apud* COSTA, 2020, p. 10). O perfil empreendedor, por sua vez, assume uma maneira de viver em que acredita ter total controle sobre sua vida profissional e, em última instância, sobre seu destino. Sucesso e fracasso são resultados diretos de suas ações. A descrição da citação pode ser associada ao perfil empreendedor que rejeita qualquer tipo de impotência. Mesmo empregados de empresas, por vezes, aceitam a alcunha de *colaboradores* como se o trabalho fosse um ato de colaboração com o empregador ou com a empresa, isto é, de trabalho conjunto<sup>36</sup>, cooperativo, não hierarquizado ou subordinado. Quase como um ato de altruísmo ou solidariedade. O colaborador ocuparia um papel de igualdade ou até de superioridade em relação àquele com quem colabora.

A fala de Galo de Luta cabe, também, nesse ponto, já que entregadores – trabalhadores precarizados – prefeririam a alcunha de empreendedores. Ao se apropriarem desta denominação, mascaram a falta de controle, diluindo o *status* de trabalhador em algo entendido como mais nobre. É a ilusão de controle.

Nessa esteira, *Realismo capitalista*, de Mark Fisher, também contribui para a compreensão do perfil empreendedor, uma vez que explica que “o projeto neoliberal sempre foi sobre policiar vigilantemente um modelo de individualismo; os trabalhadores têm de ser vigiados continuamente pois podem sempre deslizar para a coletividade” (FISHER, 2021, p. 146). O empreendedorismo é uma faceta do individualismo no formato de uma recusa a ser como todos os outros trabalhadores assalariados, sem, contudo, dar-se conta do desejo paradoxal de ser como todos os outros empreendedores de sucesso. Desejo praticamente inalcançável.

Fisher apresenta ainda outro elemento de interesse: a incapacidade de enxergar alternativas para uma vida fora do modelo neoliberal dirige o mundo para o seu fim em termos ambientais e sociais. Talvez haja nisso aquilo que Adorno encontrara na então nova direita alemã dos anos 60 (ADORNO, 2020), mas que é perfeitamente compatível com a extrema direita atual: o desejo de destruição.

Seguindo a descrição das características da personalidade autoritária, Adorno destaca que “a constituição de tal padrão ideológico [...] necessita de artimanhas como a racionalização, estereotipia,

36 Etimologicamente, trabalhar (*laborare*) em conjunto (Merriam-Webster). No uso corrente, colaborar parece denotar, ao menos, um nível de igualdade entre as partes e de liberdade de escolha. Na prática, poucos são os trabalhadores que possuem liberdade de escolher qual será sua fonte de renda. Trabalhar é uma obrigação derivada da necessidade de existência material.

personalização e *pensamento de ticket* para se organizar”. (COSTA, 2020, p. 11, grifos nossos). Como o autoritário, há no perfil empreendedor algo como um pensamento de *ticket*, isto é, uma

[...] forma de perceber o mundo segundo um bloco de ideias previamente fornecido. Como um tipo de voto de legenda, ao aceitar uma das ideias, o indivíduo acaba aceitando todas as demais, sem que haja uma análise reflexiva de cada uma das noções separadamente. Dessa forma, a reflexão é dispensável e, com ela, o perigo de discordância e desorientação<sup>37</sup>.

O pensamento de *ticket* se mostra quando, no desejo de escapar de um mundo e entrar em outro, pessoas influenciadas pela lógica empreendedora creem que com o esforço tudo é possível; assumem uma fé inabalável de que seu negócio dará certo; e seguem rigorosamente fórmulas e modelos ensinados a eles por ditos especialistas, de modo a escapar da *corrida dos ratos*<sup>38</sup>.

Esses fatores, vistos em conjunto, aproximam-se da descrição que Horkheimer (in ADORNO, 2019, p. 29) apresenta do autoritário no prefácio de *Estudos*: ao mesmo tempo “esclarecido e supersticioso, orgulhoso de ser um individualista e com medo constante de não ser como todos os outros, zeloso de sua independência e inclinado a se submeter cegamente ao poder e à autoridade”.

Em *Aspectos do novo radicalismo de direita*, como parte da mentalidade radical de direita, Adorno (2020) afirma que há o ódio ao socialismo ou a toda defesa de um Estado presente na vida das pessoas para garantir direitos humanos básicos. Em parte, esse ódio parece ser um reflexo de uma potencial limitação da liberdade e das capacidades individuais impostas por um Estado que garante o mínimo para a sobrevivência digna. É como dizer que o potencial humano só pode realmente florescer sem os limites impostos pelo acesso a direitos.

Não há, necessariamente, um teor antissocialista explícito em discursos empreendedores, mas há, certamente, uma incompatibilidade de valores: por um lado a prevalência do social e do bem comum e de condições mínimas de dignidade e, de outro, o foco no individualismo e na meritocracia. Esses comportamentos economicamente irracionais se devem

[...] na verdade a condições econômicas que negam a realização a inúmeros indivíduos e permitem a “integração” do indivíduo apenas na medida em que ele reage passivamente, por assim dizer, e renuncia – junto a sua autonomia subjetiva – a cuidar estritamente de si mesmo<sup>39</sup>.

37 COSTA, 2020, p. 12.

38 Referência do livro *Pai Rico, Pai Pobre* de Robert Kiyosak, uma espécie de livro sagrado do empreendedorismo.

39 ADORNO, 2022, p.366

Tal descrição parece se encaixar bem ao contexto neoliberal, em que um indivíduo, mesmo em situação precária, adere a um discurso que não o contempla efetivamente. Gandesha complementa essa ideia ao explicar que o sujeito neoliberal

[...] deve subordinar-se e, portanto, identificar-se precisamente com os imperativos externos do princípio de desempenho predominante dessa ordem, tornando-se competitivo em relação a outros indivíduos. Ao mesmo tempo, para que os indivíduos façam isso com sucesso, essa adaptação ao exterior deve ser introduzida ou internalizada. O indivíduo deve, portanto, renunciar à reivindicação de uma vida plena. O custo psíquico dessa dialética de identificação e introjeção das forças externas no interesse da autopreservação é uma diminuição da capacidade do eu de experimentar e, em última análise, de agir. E isso detalha a dissociação. A vida que deve ser preservada a todo custo transforma-se, paradoxalmente, em uma simples sobrevivência; torna-se uma espécie de morte em vida<sup>40</sup>.

Por fim, cabe mencionar o principal perigo do alastramento de um tipo de perfil empreendedor que adere de forma acrítica a certos discursos. Como defendem Dardot e Laval, não devemos ignorar as mutações subjetivas provocadas pelo neoliberalismo “que operam no sentido do egoísmo social, da negação da solidariedade e da redistribuição e que podem desembocar em movimentos reacionários ou até mesmo neofascistas” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 9).

O individualismo promovido pela ideologia empreendedora também parece minar as fontes de solidariedade social. Como pregou Margaret Thatcher, uma das precursoras do neoliberalismo: “não existe essa coisa de sociedade. Há homens e mulheres individuais e há famílias” (THATCHER, 2013)<sup>41</sup>. Sendo assim, a disseminação dessas ideias é potencialmente destruidora das instituições e da própria democracia.

Robert Nozick, autor que pode ser lido como proponente das bases de uma teoria da justiça libertária (a versão moral do neoliberalismo) defende em *Anarquia, Estado e utopia*, de 1974, que “o Estado mínimo é o Estado mais amplo que se pode justificar. Qualquer outro, mais amplo, constitui uma violação dos direitos das pessoas” (2018, p. 191). Nessa concepção de justiça, o que conta é a forma como as pessoas adquirem e transferem suas propriedades, seus títulos – daí o nome *justiça como titularidade* –, sem interferências de nenhum tipo.

40 GANDESHA, 2018, p. 11, tradução nossa. Texto original: [...] must subordinate himself to and therefore identify precisely with the external imperatives of the prevailing performance principle of this order by making himself competitive in relation to other individuals. At the same time, for individuals to do this successfully such an adaptation to the outside must be introjected or internalized. The individual must, therefore, renounce the claim to a fulfilled life. The psychic cost of this dialectic of identification with and introjection of the external forces in the interest of self-preservation is a diminishment in the capacity of the self to experience and ultimately to act. And this entails dissociation. The life that is to be preserved at all costs turns, paradoxically, into a simply getting by; it becomes a kind of living death.

41 No original: there is no such thing as society. There are individual men and women and there are families.

Diante disso, Nozick (2018, p. 449) indaga: “a justiça não deve ser amenizada pela compaixão?” - e responde: “Não por meio das armas do Estado. Quando pessoas físicas decidem transferir recursos para ajudar os outros, isso está de acordo com a concepção de justiça com base na titularidade”. Trata-se, então, de uma sociedade em que só se alimenta quem merece (no sentido de conseguir criar meios para) se alimentar. Sem laços de solidariedade (sejam culturais, como a religião, sejam sociais, como a família, sejam políticos, como as lutas identitárias, sejam cívicos, como as instituições a exemplo da previdência social), resta também atacada a democracia.

Já no prefácio à edição brasileira de *A nova razão do mundo*, os autores declaram que “o sistema neoliberal está nos fazendo entrar na era *pós-democrática*” (DARDOT; LAVAL, 2016, p. 8, grifos dos autores). Nesse sentido, pensar nas subjetividades formadas nesse contexto e que compõem a ameaça à democracia é necessário.

Além dos fatores sociológicos e políticos, os próprios móveis subjetivos da mobilização são enfraquecidos pelo sistema neoliberal: a ação coletiva se tornou mais difícil, porque os indivíduos são submetidos a um regime de concorrência em todos os níveis. As formas de gestão na empresa, o desemprego e a precariedade, a dívida e a avaliação, são poderosas alavancas de concorrência interindividual e definem novos modos de subjetivação. *A polarização entre os que desistem e os que são bem-sucedidos mina a solidariedade e a cidadania. Abstenção eleitoral, dessindicalização, racismo, tudo parece conduzir à destruição das condições do coletivo e, por consequência, ao enfraquecimento da capacidade de agir contra o neoliberalismo*<sup>42</sup>.

Talvez, o principal alerta a ser feito seja sobre o potencial antidemocrático da subjetividade empreendedora, assim como Adorno buscou evidenciar a personalidade autoritária como inerentemente antidemocrática. Aquilo que foi chamado aqui de perfil empreendedor não parece ser, por si só, intrinsecamente autoritário, mas, como representante do neoliberalismo, é constituído por elementos que podem ser potencialmente antidemocráticos, como o individualismo, a rejeição ao Estado e, sobretudo, a noção de que cada indivíduo é responsável por si. Com isso, o perfil empreendedor contém alguns elementos do perfil autoritário adorniano, o que deve ser motivo de atenção. Sendo assim, propostas educacionais voltadas à construção desse perfil, quando dissociadas de outros elementos críticos importantes, podem levar ao fortalecimento de uma sociedade profundamente antidemocrática com o tempo. Como avisa Gandesha,

[...] o neoliberalismo cria a tempestade perfeita dentro da qual o autoritarismo pode encenar um retorno misterioso. Em outras palavras, a colisão de um neoliberalismo supostamente

42 DARDOT; LAVAL, 2016, p. 9, grifos nossos

orientado para libertar os mercados das “externalidades” e um neoconservadorismo supostamente orientado para libertar a política das “tirantias” cria as condições para que algo como o fenômeno Trump [e acrescenta-se, Bolsonaro] se torna possível<sup>43</sup>.

Para a ideologia empreendedora não há nada subjacente senão o individualismo. A busca incessante pelo autoaprimoramento, pelo sucesso, não encontra barreiras. Nesse contexto, uma noção como a de dignidade humana não tem onde se fixar, o que pode levar um indivíduo a ignorar o bem-estar alheio em prol do seu sucesso. O neoliberalismo parece ter um efeito corrosivo na democracia e se, como se supõe, o perfil empreendedor é o sujeito neoliberal, não parece um salto muito grande imaginar que esse sujeito empreendedor é, também, potencialmente antidemocrático.

### Referências

ADORNO, Theodor W. **Aspectos do novo radicalismo de direita**. São Paulo: Editora Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor W. **Estudos sobre a personalidade autoritária**. São Paulo: Editora Unesp, 2019.

ADORNO, Theodor W. Observações sobre ‘A Personalidade Autoritária’ de Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford. **TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia**, [S. l.], v. 44, n. 2, p. 345–384, 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/9878>. Acesso em: 30 jul. 2022.

CARMO, L. J. O.; ASSIS, L. B.; GOMES JUNIOR, A. B.; TEIXEIRA, M. B. M. O empreendedorismo como uma ideologia neoliberal. **CADERNOS EBAPE.BR (FGV)**, 2021. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/cebape/a/HY7NpJpmW6vh6sKX3YdCrSd/?format=pdf&lang=pt>

COSTA, Virginia H. F. “A personalidade autoritária” de Theodor W. Adorno: conceituação do “tipo antropológico autoritário” e atualizações no neoliberalismo. In: **44 Encontro Anual da ANPOCS, 2020**, Online. Anais 44 Encontro Anual da ANPOCS, 2020. Disponível em: <https://anpocs.com/index.php/encontros/papers/44-encontro-anual-da-anpocs/gt-32/>

43 GANDESHA, 2017, s/p, grifos nossos, tradução nossa. Texto original: [...] neoliberalism creates the perfect storm within which authoritarianism can stage an uncanny return. In other words, the collision of a neoliberalism supposedly oriented towards liberating markets from “externalities” and neoconservatism supposedly oriented towards liberating polities from “tyrannies” creates the conditions in which something like the Trump phenomenon becomes possible.

gt44/12497-a-personalidade-autoritaria-de-theodor-w-adorno-conceituacao-do-tipo-antropologico-autoritario-e-atualizacoes-no-neoliberalismo?path=44-encontro-anual-da-anpocs/gt-32/gt44

COSTA, Virgínia H. F. Introdução à tradução de: Observações sobre 'A Personalidade Autoritária' de Adorno, Frenkel-Brunswik, Levinson e Sanford. **TRANS/FORM/AÇÃO: Revista de Filosofia, [S. l.]**, v. 44, n. 2, p. 345-384, 2022. Disponível em: <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/transformacao/article/view/9878>. Acesso em: 30 jul. 2022.

DARDOT, Pierre; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal**. São Paulo: Editora Boitempo, 2016.

GANDESHA, Samir. The Neoliberal Personality. **Logos: a journal of modern society & culture**, 16, 2017. Disponível em: <http://logosjournal.com/2017/the-neoliberal-personality/>.

GANDESHA, Samir. "Identifying with the aggressor": From the authoritarian to neoliberal personality. **Constellations**, 25(1), 2018, 147-164. Disponível em: <https://onlinelibrary.wiley.com/doi/10.1111/1467-8675.12338>. Acesso em: 30 jul. 2022.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia Literária, 2021.

LIMA, Paulo Roberto da Silva. **Galo de Luta - líder dos entregadores antifascistas**. Panelaço, 2022. 1 vídeo (25 min). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HxdlMwNt0iI>. Acesso em: 30 jul. 2022.

MARGARET THATCHER: a life in quotes. **The Guardian**, Londres, 8 abr. 2013. Disponível em: <https://www.theguardian.com/politics/2013/apr/08/margaret-thatcher-quotes>. Acesso em: 20 out. 2022.

MERRIAM-WEBSTER. Collaborate. In: **Merriam-Webster.com dictionary**. Disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary/collaborate>. Acesso em: 20 out. 2022.

NOZICK, Robert. **Anarquia, Estado e utopia**. São Paulo: Martins Fontes, 2018.